



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO EMIGRANTE NA SOCIEDADE PORTUGUESA: Introdução a uma pesquisa sociológica*

*Albertino Gonçalves***

Na sociedade portuguesa, como se relacionam os residentes com os emigrantes? Que posturas e imagens partilham a seu respeito? Como variam e porquê? Estas são as primeiras questões que norteiam este estudo. Ele versa, numa primeira aproximação, sobre as práticas e representações sociais desenvolvidas pelos residentes acerca dos emigrantes.

Estas práticas e representações constituem uma realidade com particular relevo e visibilidade na sociedade portuguesa. Os emigrantes, as suas propriedades e comportamentos, parecem formar um alvo de privilegiada eleição para os julgamentos dos seus conterrâneos. Embora obedecendo a variações regionais e ritmos sazonais, estes julgamentos surgem, prolíferos, um pouco por toda a parte e conhecem uma circulação impressionante. Os emigrantes fornecem um dos temas mais procurados para investimento e consumo social de sentido. Se a imagem nos é permitida, em matéria de actividade simbólica, encontramos-nos perante um “desporto nacional” especialmente concorrido. Qualquer contexto e pretexto parecem servir para a sua prática: na cidade, no campo e nas praias, nas ruas, nas estradas e nas casas, nos bancos, nos mercados e nas repartições, entre amigos, nos cafés e nas festas, na televisão, na rádio e nos jornais, nas escolas, nos hospitais e nos mais díspares lugares pode acontecer um gesto ou uma sentença com os emigrantes na mira.

Estas práticas e representações relativas aos emigrantes, embora se estendam à sociedade portuguesa no seu conjunto, estão longe de suscitar consenso e unanimidade. Posições divergentes, contraditórias e até opostas ocorrem com extrema frequência. A propósito de grande parte das propriedades dos emigrantes, corremos fortes riscos de encontrar, com probabilidades semelhantes, a mesma opinião e a sua contrária, para não falar das variantes. Elas não são gratuitas nem fortuitas, diferem significativamente conforme os contextos e os grupos sociais. Subjazem-lhe estruturas, processos e lógicas sociais de crucial relevância quer para a caracterização da sociedade portuguesa quer para a própria sociologia enquanto disciplina científica.

O trabalho de construção social do “emigrante” desenrola-se no âmbito da luta quotidiana e simbólica

de classificação social que atravessa e caracteriza a sociedade portuguesa.^[1] É na referência a este campo que esta actividade de definição e avaliação social da figura do emigrante ganha mais sentido e pertinência. As práticas e representações protagonizadas pelos residentes acerca dos emigrantes têm como pano de fundo, mola e horizonte o campo mais vasto da luta simbólica de classificação social que envolve a sociedade portuguesa no seu conjunto.

Neste estudo, o campo de luta simbólica também se perfila como pano de fundo, mola e horizonte, como perspectiva nodal. Aliás, alcançar algumas das componentes configuradoras desse campo, ou, pelo menos, alguns dos seus traços marcantes, constitui o nosso desígnio mais ambicioso.

A arquitectura deste projecto desenha-se a vários níveis de profundidade e complexidade.

Numa apresentação esquemática podemos dizer que há uma espécie de objecto de primeiro grau, mais imediato, respeitante às práticas e representações relativas aos emigrantes, um objecto de segundo grau, mais mediato, que visa a luta simbólica de classificação social, e um terceiro objecto, mais aparente, importante “artifício” adjuvante, composto pelos emigrantes, suas propriedades e práticas. De facto, para sermos bem precisos, nem a emigração nem os emigrantes constituem, em si mesmos, o objecto deste estudo. Não são eles que intentamos caracterizar. Esta indagação interessa-se e ocupa-se com outros agentes e fenómenos: os residentes e o jogo complexo composto pelas suas práticas de auto e heteroclassificação social.

Porquê, então, a presença, a “participação”, dos emigrantes? Para quê a sua intervenção neste trabalho? A que propósito são eles aqui chamados?

Globalmente, por duas ordens de razões. Uma primeira, de cariz científico, prende-se com os

fundamentos e as opções estratégicas que regem a pesquisa. Uma segunda, de ordem genética, assenta na história da ideia inicial e do seu processo de desenvolvimento.

Do ponto de vista epistemológico e científico, conjuga-se toda uma série de argumentos que justificam este recurso à figura do emigrante.

Neste trabalho, os emigrantes funcionam como uma mediação, como um desvio que abre caminho e, até certo ponto, como uma espécie de artimanha para implicar e revelar o objecto. Em suma, cabe-lhes o papel de analisador privilegiado numa missão de maior e melhor acessibilidade aos objectivos que

[2]

nos propomos.

Apesar da sua ausência, a figura do emigrante desfruta de uma assinalável e diversificada presença

na sociedade portuguesa. [3] Esta presença ainda adquire maior extensão e intensidade no caso da emigração que, após a Segunda Guerra, se destina aos países mais desenvolvidos da Europa ocidental. Trata-se de uma presença que perturba e gera polémica, que não passa indiferente. Em seu torno desenham-se, com traços mais ou menos nítidos, notáveis linhas de clivagem. Não só entre emigrantes e residentes, mas também entre os próprios residentes.

O emigrante participa de corpo inteiro na luta simbólica de classificação social. Como sujeito e objecto. Como sujeito, é parte activa e interessada. Para nos convenceremos desta intervenção, basta-nos atentar no conjunto de condutas que ele desenvolve com vista à obtenção de um melhor estatuto e de um maior reconhecimento social. Como objecto, é parte envolvida e implicada, alvo privilegiado de investimento de sentido. Verdadeiro banco de símbolos, rodeada de particular atenção, a figura do emigrante mergulha num imenso mar revolto de discursos.

Esta proliferação discursiva, a encarar como uma autêntica panóplia de símbolos na luta de classificação social, prende-se, pelo menos em parte, com a especificidade da situação do emigrante na sociedade portuguesa.

Apesar das estereotipificações que o rodeiam, o emigrante, pela sua trajectória e pelas propriedades que reúne, permanece uma figura atípica que ocupa uma posição de difícil e controversa definição no espaço social português. O emigrante é uma figura caracterizada pela mobilidade não só geográfica mas também social. Em trajectória ascendente, ocupa uma posição elástica e fluida no espaço social, algures entre as classes populares e as classes médias independentes. Ora este tipo de situações, que aliam indefinição e transição, atraem sobremaneira a semiose social.

A incongruência das propriedades e práticas dos emigrantes é geralmente reconhecida. Em

gíria sociológica, caracterizam-se pela *inconsistência de status*. [4] O emigrante aglomera propriedades, aparentemente incoerentes, típicas, separadamente, de várias classes de agentes, tais como as classes populares, as classes médias independentes e até a própria burguesia patronal (pensar nos "novos ricos"). Estes traços confluem para que a figura do emigrante se apresente como um vector polissémico, de longo alcance, multidireccional, que se presta a múltiplos usos na luta simbólica de classificação social. Num campo particularmente dado a eufemismos, subentendidos, analogias, metáforas e demais discursos indirectos e ambivalentes, as potencialidades da figura do emigrante "caem como sopa no mel".

As práticas e representações incidentes sobre os emigrantes podem, assim, dirigir-se também a outros destinatários. Não se confinando apenas aos emigrantes, o seu âmbito de aplicação apresenta-se bem mais vasto. Formam discursos deveras latos, cujos campos de pertinência se estendem a outras posições do espaço social, com efeitos noutras figuras sociais, algumas, porventura,

bastante distantes dos emigrantes. [5]

Para além do carácter sistémico do campo da luta simbólica de classificação social, o papel de charneira de símbolos nele desempenhado pela figura do emigrante confere-lhe o estatuto de seu analisador privilegiado, uma espécie de valiosa chave de acesso aos seus mais importantes e bem guardados segredos.

A construção social do emigrante, a sua incessante classificação e reclassificação na sociedade portuguesa, comporta e actualiza as estruturas, regras, recursos, enredos, sistemas de relevâncias e de interesses, investimentos e estratégias operantes nesse jogo social em permanente redefinição que é a luta simbólica de classificação social. Mexe, inclusive, com os próprios princípios, valores e padrões de classificação. As múltiplas versões da figura do emigrante, quer visem a aproximação ou a demarcação, prendem-se com as propriedades, estilos de vida, categorias mentais, interesses e estratégias que caracterizam as diversas classes de residentes.

"Quem classifica, classifica-se". [6] Ao mesmo tempo que se posicionam face aos emigrantes, os residentes tomam posição no campo da luta simbólica de classificação social. Expõem-se, abrindo, deste modo, amiúde inadvertidamente, o seu próprio jogo.

Embora apresentando os emigrantes como alvo imediato, consideramos as práticas e representações que lhes são endereçadas mais reveladoras dos residentes que as produzem e, até, da sociedade portuguesa onde são produzidas do que dos emigrantes que as inspiram.

Transitando para outro nível de reflexão, podemos avançar que a própria dinâmica das primeiras entrevistas exploratórias tendeu a comprovar parte das expectativas assentes no rol de argumentos acima enunciados. A disponibilidade dos entrevistados, a abertura com que nos receberam, o agrado com que se entregaram às respostas e a prontificação para futuros contactos foram disso testemunho. Por detrás do fluente interesse com que se pronunciaram acerca dos emigrantes, adivinhava-se a acção de elaborados e ricos acervos de opiniões já pré-formadas. Desta experiência, transparecia uma nítida impressão de que toda esta colaboração e à vontade provinham, em grande parte, do facto de o tema recair, aparentemente, sobre os emigrantes e, sobretudo, de os próprios entrevistados não se sentirem o centro das atenções e da indagação. A sua exposição tornava-se menos vigiada e controlada. Com as sentinelas da autocensura menos alertas, descuidavam-se as defesas. Abriram-se mais e melhor. Ficou-nos uma profunda sensação de que, nas dimensões que nos interessam, nos disseram mais sobre si próprios do que se sobre si próprios falassem. Facultaram-nos, deste modo, sobre si próprios e sobre o campo da luta simbólica de classificação social, muitas e fecundas perspectivas. Perspectivas que, no caso de uma inquirição mais directa, sem mediações nem desvios, permaneceriam provavelmente vedadas ou, pelo menos, mais semeadas de escolhos.

Com este último reparo, concluímos, de forma algo sumária e elíptica, a cadeia das premissas científicas que, por um lado, fundamentam a nossa aposta nas promessas do desvio e, por outro lado, pesam, decisivamente, a favor da escolha da figura do emigrante como analisador da luta simbólica de classificação social na sociedade portuguesa.

Acrescente-se que, independentemente das especificidades deste trabalho, partilhamos a ideia, mais genérica, de que, regra geral, no caso de estudos que, como este, envolvem objectos de acentuada espessura e delicado acesso, a estratégia científica mais adequada e pertinente é aquela que, recorrendo ao desvio, ensaia uma abordagem indirecta.

A segunda ordem de razões explicativas do papel aqui atribuído à figura do emigrante ascende à génese da ideia inicial e ao desenvolvimento do projecto de investigação.

As ideias que presidem este estudo adquiriram os seus primeiros contornos em 1983 aquando da observação do comportamento dos emigrantes em férias, no âmbito de uma pesquisa efectuada no concelho de Melgaço, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da “Maison des Sciences de L’Homme”, sobre *migrações e mudanças no Alto Minho*. Alguns fenómenos chamaram-nos então a atenção e espicaçaram-nos a curiosidade. Através da observação participante, cedo tomou corpo a conjectura de que para uma correcta compreensão das condutas dos emigrantes em férias imprescindível se tornava relacioná-las com as características das suas sociedades de origem e, em particular, com as posturas dos residentes. Proceder de outro modo seria aventurarmo-nos a lidar com uma realidade amputada. Foi-nos dado perceber que muitas das práticas dos emigrantes continuam, de facto, a pautar-se pelas sociedades nativas e tendem a afinar-se, em grande parte,

pelo timbre das propriedades e tomadas de posição dos residentes.^[7] A referência, ainda mestra, às sociedades onde nasceram e a interacção com os conterrâneos marcam muitos dos traços

que, habitualmente apontados aos emigrantes, lhes são, erradamente, na íntegra, imputados.^[8]

Num concelho como Melgaço, extremamente dependente da emigração, ficámos surpreendidos com a dimensão das clivagens perceptíveis entre residentes e emigrantes e, em especial, com a visão deveras depreciativa dos emigrantes perfilhada por um número elevado de residentes.

Sobressaíam, então, dois tipos de movimentos: por um lado, o recuo distanciador por parte de fracções importantes de residentes e, simultaneamente, por outro lado, o fecho progressivo dos próprios emigrantes entre si.

Não deixou de nos impressionar, também, o clima de incessante, ubíqua e exacerbada competição e ostentação pelo prestígio e reconhecimento social. Lembrando os fenómenos agonísticos de *Potlatch*, estas práticas surgem perante o observador desprevenido como desproporcionados e

insensatos desperdícios de recursos e energias.^[9]

Por último, intrigou-nos, sobremaneira, a espécie de jogo que, aberta e quotidianamente, sem tempo nem pouso fixo, se desenrolava e expunha perante plateias ocasionais. Jogo que parecia viciado, como viciados pareciam os intervenientes. O enredo era de monta: estava em causa a cotação e categoria de cada qual na bolsa dos valores sociais. As apostas eram, habitualmente, elevadas e o empenho dos participantes assinalável. Só que não se entendiam quanto ao valor das cartas, i.e. das propriedades, em jogo. Até parecia que cada equipa jogava com um baralho diferente. O que era trunfo? O que era negligenciável? E em que medida? Conforme as equipas assim variava o valor das cartas. Cartas que nuns eram emblema, noutros revelavam-se problema. O que uns avançavam como trunfo, logo outros o encaravam como desvantagem. O que uns emitiam como *símbolo de*

status, outros recebiam como estigma.^[10]

Apenas três breves exemplos sugestivos deste imbróglio de perspectivas, critérios e leituras contraditórias da “mesma” realidade social. As “casas dos emigrantes”, se para uns são

verdadeiros amores, para outros tornam-se autênticos horrores. Um automóvel obtém valores sociais diferentes consoante a matrícula é nacional ou estrangeira. Uma mesma prática, o “enfeite”, no dia de Todos os Santos, da sepultura familiar com flores dispendiosas, revela-se uma normalidade e até um dever para a alta burguesia, mas transfigura-se, na óptica das classes populares, numa condenável transgressão, num acto incorrecto e impróprio, se obra de emigrantes (“quem pensam que são?”, “por quem se tomam?”, “puxos a mais...”, “nem que fossem...”).

Estas observações não traduzem, todavia, uma qualquer confusão babélica. Esta pluralidade de pontos de vista, fonte inesgotável de discórdias e disparidades quanto aos créditos sociais, remete para os processos “normais” de classificação e legitimação social e inscreve-se nos enredos e práticas “naturais” da luta quotidiana de classes em torno do capital e do poder simbólico, ou seja, pelo poder reconhecido e autorizado de produzir e impor a divisão legítima do mundo social, de construir o mundo social segundo as hierarquias de valores mais propícias às posições, interesses, propriedades e produtos particulares de quem o detém.

Perante esta conjugação de experiências inesperadas e estratégicas, a lembrar os fenómenos de *serendipity* evidenciados por Robert K. MERTON, verificou-se uma significativa translação do

nosso objecto de estudo.^[11] O centro de interesse deslocou-se das condutas dos emigrantes para as práticas classificatórias dos residentes. Apesar destas alterações, a figura do emigrante

permaneceu ainda com um papel crucial no âmbito do nosso projecto de investigação.^[12]

Eis-nos chegados a uma ponto em que podemos retomar as questões com que iniciámos esta indagação. Como se diferenciam as práticas classificatórias que rodeiam a figura do emigrantes na sociedade portuguesa? Como se ligam às posições e propriedades sociais das várias classes de agentes consideradas? Que interesses movem e que estratégias envolvem? Que *habitus* e estilos de vida mobilizam e exprimem? Como variam com o contexto geográfico, em particular com o nível de urbanização e a intensidade da emigração? Com que consequências para os emigrantes, para as diversas classes de residentes e para o próprio espaço social? Que nos revelam acerca dessas classes e, até, da própria sociedade portuguesa? Que conclusões se poderão retirar do quadro assim esboçado?

Uma resposta cabal ao ambicioso leque de questões aqui formuladas está muito longe das nossas possibilidades e até dos nossos horizontes. Estas questões desempenham uma função essencialmente norteadora. Se, porventura, conseguirmos vislumbrar alguns elementos de resposta, por poucos e modestos que sejam, passíveis de contribuir para o esclarecimento dalguns aspectos desta problemática, dar-nos-emos por satisfeitos.

* Este texto retoma excertos da “introdução” à nossa dissertação de doutoramento em Sociologia, *A Definição Social dos Emigrantes no Noroeste de Portugal - Imagens e Clivagens*, Universidade do Minho, 1994.

** Professor auxiliar do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade do Minho.

[1] Empregamos esta expressão na sequência da obra de BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas L., *The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge*, 1ª ed. 1967, Harmondsworth, Penguin Books, 1979.

[2] No sentido de LAPASSADE, Georges e LOURAU, René, *La Sociologie*, Paris, Seghers, 1974. Nesta óptica, o termo “desvio” remete, recorrendo à distinção francesa, para a aceção metodológica correspondente a “*détour*” e de modo nenhum para o conceito psicossociológico de “*déviante*”.

[3] Cf. GONÇALVES, Albertino, “O Presente Ausente: O Emigrante na Sociedade de Origem”, *Cadernos do Noroeste*, vol. I-1, 1987, pp. 7-30; “O Presente Ausente II. Vias e desvios na intelecção da emigração e da sociedade portuguesas”, *Cadernos do Noroeste*, vol. II/2-3, 1989, pp. 125-153.

[4] Ver LENSKI, G. E., “Status Crystallisation: a non-vertical dimension for social status”, in LIPSET, S. M. e SMELSER, N. (eds.), *Sociology: the Progress of a Decade*, Englewood Cliffs, New Jersey, Princes Hall, 1961, pp. 485-494 e LENSKI, G. E., *Power and Privilege, The Theory of Stratification*, Nova Iorque, McGraw-Hill, 1966. Esta inconsistência coaduna-se com as trajectórias, inserções e tendências próprias dos emigrantes pelos vários, e por vezes contraditórios, espaços geográficos e sociais em que se vão situando. Jogando numa multiplicidade de posições e de espaços sociais, os emigrantes adquirem uma adaptabilidade, uma versatilidade e uma polivalência deveras notáveis. Ver a este propósito as intervenções de Boaventura Sousa SANTOS na mesa-redonda “Existe uma Cultura Portuguesa”, publicadas in SILVA, Augusto Santos e JORGE, Vítor Oliveira (orgs.), *Existe uma Cultura Portuguesa?*, Porto, Afrontamento, 1993, nomeadamente pp. 27-31 e 36-37.

[5] Por vezes, este uso da figura do emigrante como espécie de momento de um processo de classificação que a ultrapassa surge deveras explícito. É o caso, por exemplo, de dois artigos de opinião que, embora destinados ao governo, aludem, em pleno período estival, ao “estilo ‘retraite’” e à “casa estilo ‘maison’ com janelas tipo ‘fenêtré’” para, como referência negativa, dar maior ênfase às ironias e

críticas endereçadas ao estilo do governo. Ver COSTA, António, "O asilo estilo 'retraite'", *Público*, 13/07/1993, p. 15, e DIAS, A. Romão, "Há doutores mais doutores do que outros doutores?", *Público*, 28/08/93, p. 25.

[6] Ao que Pierre BOURDIEU acrescenta: "Não há nada que classifique mais alguém do que as suas classificações" ("*rien ne classe plus quelqu'un que ses classements*"), "Espace social et pouvoir symbolique", 1ª ed. 1986, in BOURDIEU, Pierre, *choses dites*, Paris, Ed. de Minuit, 1987, pp. 147-166, p. 157.

[7] No romance *Emigrantes*, Ferreira de Castro, através do personagem "Manuel da Bouça", em particular no momento de regresso ao país, capta perfeitamente o modo como as condutas dos emigrantes se regulam pelas expectativas, pressentidas, dos residentes.

[8] Ver a este propósito GONÇALVES, Albertino; GONÇALVES, Conceição, "Uma vida entre parênteses. Tempos e ritmos dos emigrantes portugueses em Paris", *Cadernos do Noroeste*, vol. 4 (6-7), 1991, pp. 147-158.

[9] Cf. MAUSS, Marcel, "Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques", 1ª ed. 1924, in MAUSS, Marcel, *Sociologie et anthropologie*, 1ª ed. 1950, Paris, Presses Universitaires de France, 1980, pp. 145-279.

[10] "Enquadramentos" e "definições de situações" discordantes acompanham-se de distintas atribuições de sentido e de valor aos protagonistas e às suas acções e propriedades. Sobre as noções de "símbolo de estigma", de "símbolo de status", de "quadro" e de "definição da situação", ver, sobretudo, GOFFMAN, Erving, *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 1ª ed. 1963, Rio de Janeiro, Zahar ed., 1980, pp. 52-58 e GOFFMAN, Erving, *Les cadres de l'expérience*, 1ª ed. 1974, Paris, Ed. de Minuit, 1991. Ver também, acerca desta problemática, ARRISCADO NUNES, João, "Erving Goffman: a análise e a sociologia da vida quotidiana", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37, Jun. 1993, pp. 33-49.

[11] "A *serendipity* pressupõe a observação dum dado inesperado, surpreendente e capital capaz de pressionar o investigador a lançar-se numa nova pista" (MERTON, Robert K., *Social Theory and Social Structure*, 1ª ed. 1949, New York, The Free Press, 1968, p. 158).

[12] Esta refundição ficou consignada num projecto de investigação redigido em 1984. Desde então sofreu poucas reformulações e, no essencial, quer a nível da problemática quer a nível da metodologia, ainda permanece actual.